

CAATINGA VIVA:

MULHERES NA LINHA DE FRENTE
DA JUSTIÇA CLIMÁTICA



CASA DA MULHER
DO NORDESTE
Trabalho e Cidadania

ÍNDICE



CAPÍTULO - 01

O BIOMA CAATINGA E AS MULHERES: RESISTÊNCIA E RESILÊNCIA

CAPÍTULO - 02

SEM FEMINISMO NÃO HÁ JUSTIÇA CLIMÁTICA



CAPÍTULO - 03

FOGÃO AGROECOLÓGICO: TECNOLOGIA DE CONVIVÊNCIA COM SEMIÁRIDO E JUSTIÇA DE GÊNERO

INTRODUÇÃO

O Semiárido brasileiro, uma região de rica biodiversidade e cultura, é também um território marcado por desafios climáticos, como longos períodos de estiagem e o avanço da desertificação. No coração dessa região, mais especificamente no Sertão do Pajeú em Pernambuco, um movimento de resistência e transformação floresce, liderado por mulheres agricultoras que escolheram a agroecologia como caminho para a convivência sustentável.

É nesse contexto que se insere o Projeto Caatinga Viva, uma iniciativa estratégica da Casa da Mulher do Nordeste (CMN), em parceria com o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) e o Fundo Ecos. Desde 2016, o ISPN tem apoiado a CMN, inicialmente com foco na construção de tecnologias sociais como os fogões agroecológicos, reuso de águas cinzas e o fortalecimento dos quintais das mulheres. Mais recentemente, a parceria se consolidou através do 35º edital do Fundo Ecos, com o foco na preservação do bioma da Caatinga no Sertão do Pajeú.

O Caatinga Viva não é apenas um projeto de mitigação dos efeitos das mudanças climáticas, mas um catalisador para o fortalecimento da Rede Pajeú de Agroecologia. Ele atuou em diversas frentes, promovendo o desenvolvimento sustentável, a segurança hídrica e alimentar, e a igualdade de gênero. A CMN desempenhou um papel crucial na coordenação das ações estratégicas da rede, buscando soluções articuladas para problemas comuns, como o uso de agrotóxicos, a desertificação e a violência contra as mulheres.

A essência do projeto residiu na valorização dos quintais agroecológicos e na auto-organização das mulheres, como evidenciado pelas visitas e planejamentos realizados em comunidades. Essas ações não apenas fortaleceram a segurança alimentar das famílias, mas também impulsionaram a comercialização e o senso de pertencimento, garantindo que as vozes fossem ouvidas e valorizadas.

A presente publicação, expressa um esforço de sistematizar o papel fundamental das mulheres na convivência com o semiárido e com a justiça climática, a partir de suas práticas na preservação e manejo do Bioma Caatinga no Sertão do Pajeú, destacando o contexto de desenvolvimento do projeto Caatinga Viva.



CAP.01 O BIOMA CAATINGA E AS MULHERES: RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA

A Caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro, ocupando cerca de 11% do território nacional. Seu nome, de origem tupi-guarani, significa "mata branca", uma referência à paisagem que assume durante a estação mais seca, quando a maioria das plantas perde suas folhas para reduzir a perda de água.

Longe de ser um ambiente pobre, a Caatinga é um bioma de extrema riqueza e resiliência. Possui uma biodiversidade única, com alto grau de espécies que só existem ali. Suas plantas desenvolveram mecanismos incríveis para sobreviver à escassez hídrica, como a perda de folhas, caules que armazenam água e raízes profundas.

Resiliente e adaptada ao ciclo das chuvas, a Caatinga resiste, mas sofre os impactos de um modelo predatório de desenvolvimento que avança pelo Semiárido. Mudanças climáticas, desmatamento, queimadas e grandes empreendimentos de energia renovável agravam o processo de aridez, afetando diretamente a vida das



famílias agricultoras, em especial as mulheres e a biodiversidade do bioma. Segundo o Observatório da Dinâmica de Carbono e Água na Caatinga (2024), o bioma desempenha papel crucial no combate às mudanças climáticas, sendo uma das áreas mais eficientes no sequestro de carbono no Brasil. A cada 100 toneladas de CO² absorvidas por essa floresta do semiárido brasileiro, há uma retenção que varia entre 45% e 60% e não volta para a atmosfera. Mesmo sob condições severas, com longos períodos de seca, a Caatinga continua a capturar grandes quantidades de carbono na estação chuvosa, destacando-se no cenário ambiental global.

A convivência com o Semiárido, defendida pelas agricultoras do Pajeú, passa pelo entendimento e respeito a essa resiliência natural, a valorização do papel das mulheres na sustentabilidade da vida, da segurança alimentar, do cuidado com os bens comuns. O manejo agroecológico busca imitar e potencializar os ciclos naturais do bioma e fortalecer as condições necessárias para o enfrentamento às mudanças climáticas, agravadas pela intervenção do modelo capitalista que visa a exploração e a destruição da natureza, dos bens comuns e dos direitos das populações que vivem e resistem em seus territórios. Por isso é fundamental reconhecer a existência do sistema patriarcal (poder dos homens sobre as mulheres), do capitalista (foco no lucro e exploração) e racista (opressão e discriminação da população negra). E assim, construir ações estratégicas no enfrentamento e superação desses sistemas, que juntos oprimem e exploram o trabalho e os corpos das mulheres.

○ Feminismo é um pensamento crítico sobre o mundo e especialmente sobre as desigualdades de gênero, a exploração e opressão das mulheres. É também um movimento que busca transformar essa situação e lutar pelos direitos das mulheres como cidadãs, agricultoras, sujeitos políticos, exercendo sua autonomia em sua vida: nas decisões políticas, na sua produção, sobre seus corpos, e serem felizes.



CAP.02 SEM FEMINISMO NÃO HÁ JUSTIÇA CLIMÁTICA

A agroecologia é muito mais do que uma técnica de cultivo; é ciência, movimento e prática, um modo de viver. Propõe um outro modelo de desenvolvimento social com justiça de gênero e raça, ecologicamente sustentável e economicamente viável. No Sertão do Pajeú, as mulheres agricultoras são as principais agentes dessa transformação, redefinindo o conceito de produção e reprodução da vida, de justiça climática e bem viver. A partir dos saberes ancestrais das mulheres indígenas, quilombolas e camponesas, a agroecologia conecta todos os subsistemas na prática da agricultura familiar. A casa e os trabalhos domésticos e de cuidados são a base das relações familiares para reprodução da vida e está conectado com os quintais, o roçado e com todo o agroecossistema.

É fundamental valorizar todos os trabalhos realizados pelas mulheres e reconhecer seu importante papel na agricultura familiar.

SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA!



A MUDANÇA ESTÁ COM ELAS!

GUARDIÃS DA BIODIVERSIDADE E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL:

Elas detêm o conhecimento ancestral sobre o manejo da terra e das plantas nativas, garantindo a adaptação e a resiliência dos sistemas produtivos ao clima semiárido.

SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL:

Ao priorizar a produção para o autoconsumo e a diversidade de alimentos, as mulheres garantem a segurança alimentar e nutricional de suas famílias e comunidades. Os quintais agroecológicos se tornam verdadeiros celeiros de vida, sem falar da farmácia viva, com a plantação de ervas que curam.

SOLIDARIEDADE ENTRE AS MULHERES E AÇÕES COLETIVAS EM SEUS TERRITÓRIOS:

Elas se organizam para acessar políticas públicas, comercializar seus produtos em feiras locais e no porta a porta em suas comunidades, nas doações de alimentos. Além disso, estão na luta contra as desigualdades de gênero e a violência. São guardiãs, benzedoras, cuidadoras e promotoras do bem viver.



A REVOLUÇÃO SILENCIOSA NAS CASAS:

A luta pela divisão justa do trabalho de cuidado e doméstico é uma virada cultural que liberta as agricultoras da dupla jornada exaustiva. Essa renegociação de papéis é fundamental para a construção de um projeto político de bem viver para toda a família, atuando como um fator de prevenção e enfrentamento à violência doméstica ao promover o respeito e a equidade nas relações.

COMBATE À DESERTIFICAÇÃO:

O manejo agroecológico, com práticas como a cobertura morta, a preservação da mata nativa, recuperação das nascentes, guarda das sementes e das águas, são fundamentais na mitigação às mudanças climáticas.

A EXPERIÊNCIA DAS MULHERES DO PAJEÚ **DEMONSTRA**
QUE A AGROECOLOGIA, ALIADA AO FEMINISMO E À
ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA, É A CHAVE
PARA CONSTRUIR TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS
E SUSTENTÁVEIS E JUSTOS.



CAP. 03 FOGÃO AGROEOLÓGICO: TECNOLOGIA DE CONVIVÊNCIA COM SEMIÁRIDO E JUSTIÇA DE GÊNERO

A Casa da Mulher do Nordeste desde 2008 vem desenvolvendo experiências na construção de tecnologias de convivência com o semiárido para as mulheres. Em 2003 realizou o primeiro curso de pedreiras de cisternas no Sertão do Pajeú. Nessa época, as mulheres participavam dos processos como cozinheiras e ajudantes de pedreiros, mas não recebiam remuneração por esse trabalho. Hoje já temos algumas pedreiras de cisternas no Sertão do Pajeú, mas as dificuldades para as mulheres se manterem nesse trabalho são muitas, como: os conflitos com os maridos já que é necessário passar alguns dias fora de casa e a responsabilidade com o trabalho doméstico e seus quintais produtivos.



A CMN ATÉ 2025, JÁ CONSTRUIU MAIS DE 500 FOGÕES E 6.533 CISTERNAS DE PRIMEIRA ÁGUA NO TERRITÓRIO DO SERTÃO DO PAJEÚ,

e tem formado várias mulheres em pedreiras de fogões e cisternas. É o caso de Suely Carvalho do município de Ingazeira.

“O fogão agroecológico foi uma das tecnologias que mais trouxe resultados positivos para as agricultoras, pois ela tem a preocupação e o intuito de poupar a sobrecarga de trabalho das mulheres, ainda pensa na diminuição dos efeitos climáticos, e também na redução de custo, trazendo autonomia. Minha experiência como pedreira, construtora dos fogões, sempre vai ser desafiador pelo fato de algumas pessoas da sociedade não confiar no trabalho das mulheres. Mas por outro lado, me sinto muito lisonjeada por ser uma agricultura do Pajeú que leva esperança e autonomia com a arte de construir.”

- Suely Carvalho, município de Ingazeira, Sertão do Pajeú



“ Eu passo seis meses sem trocar um gás. Esse fogão é uma benção, qualquer gravetinho a gente cozinha, é muito econômico. Antes eu não vendia nada. Hoje, eu faço doce de leite, de goiaba e bolo para vender. É mais uma renda pra gente”.

- Bernadete da Conceição, município de Ingazeira, Sertão do Pajeú

“ Essa tecnologia é fantástica, porque vivemos melhor e não precisamos desmatar. Cozinhamos com uma quantidade mínima de lenha, galhos mortos, sabugo, e sem falar o tempo de preparar o nosso alimento. Hoje não inalamos tanta fumaça, minha saúde melhorou bastante. Antes eu tinha um sonho, e hoje tornou realidade: produzo bolos, doces, pamonhas. O fogão agroecológico me proporcionou geração de renda, isso pra mim é muito valioso. Hoje eu digo que o fogão agroecológico transforma vidas, e de nós mulheres.”

- Joselma Vasconcelos, município de São José do Egito, Sertão do Pajeú.



FOGÃO AGROECOLÓGICO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

Nos sistemas agroecológicos, as mulheres são as principais responsáveis pela coleta e uso da lenha em fogões tradicionais, enfrentando jornadas longas e exaustivas devido à escassez do recurso. A pesquisa realizada pela Casa da Mulher do Nordeste (SANTOS;RUFINO,2018), sobre os efeitos positivos na utilização do fogão agroecológico com 30 mulheres agricultoras da Região do Pajeú, aponta para a eficiência do fogão nas dimensões da economia, do meio ambiente, da saúde, da vida cotidiana e de trabalho dessas mulheres. A pesquisa revela que houve uma diminuição de aproximadamente 64% no tempo utilizado na aquisição da lenha. Este fato acontece provavelmente pela condição do fogão agroecológico “funcionar” basicamente com gravetos e sobras de podas, não havendo necessidade de a mulher adentrar na Caatinga para conseguir especificamente lenha para acender o fogo. Como relata a Maria Silvana,

“ ANTES DO FOGÃO AGROECOLÓGICO, ANDAVA 4 HORAS NA BUSCA POR LENHA, AGORA EM POUCOS MINUTOS, CONSIGO GRAVETOS AO REDOR DE CASA, SUFICIENTES PARA COZINHAR.

A diminuição da lenha e carvão, também demonstra a eficiência energética, pois as entrevistas indicaram que houve uma queda em 45% no uso da lenha e 71% do carvão. Esta tendência demonstra o quanto energeticamente o fogão agroecológico é eficiente, motivando gradativamente às mulheres a deixarem de utilizar produtos oriundos do desmatamento da caatinga. Como relata Maria do Socorro do Município de São José do Egito

“ DESDE QUE RECEBI O FOGÃO AGROECOLÓGICO, DEIXEI DE COMPRAR CARVÃO

Sobre o impacto econômico a pesquisa indica que houve diminuição no uso do gás butano. O tempo de cozimento dos alimentos também diminui em 64%, porém, as mulheres não têm diminuído seu tempo de trabalho, pois 80% das entrevistadas investem o tempo “extra” em atividade “produtiva”. Situação relacionada a dupla, tripla, jornada de trabalho, vivenciada pelas mulheres em seu cotidiano. É possível identificar na fala de Marina dos Anjos

“ COM O TEMPO LIVRE, CUIDO MAIS DA HORTA, ARRUMO A CASA E LAVO ROUPA”



onde observamos que muitas mulheres ainda não reconhecem ter o direito ao lazer, descanso e cuidado consigo próprio. A invisibilidade do trabalho desenvolvido pelas mulheres no âmbito doméstico revela a situação social de desvantagem em que se encontram as mulheres, mas também evidencia a ausência dos homens como sujeitos também integrantes e responsáveis pelo desenvolvimento desse espaço. Na agricultura familiar são as mulheres as responsáveis pelo trabalho do cuidado, produção de alimentos, cuidado com as crianças, gestão da água, com o ambiente doméstico da casa e pela subsistência da família. Nesse sentido, o fogão agroecológico também aparece como ferramenta política para problematizar a divisão sexual do trabalho em casa. A pesquisa demonstra que ainda é um desafio a divisão justa das tarefas com os homens em casa. Quando perguntadas sobre a divisão de tarefas, apenas 23% das mulheres responderam que houve alguma divisão de tarefas após a aquisição da tecnologia. E ainda assim a divisão de tarefas está mais relacionada à busca da lenha (gravetos), que ficou menos difícil após o fogão agroecológico, não havendo mais necessidade de buscar em áreas muito distantes de casa. Em relação à saúde, as mulheres elencaram que ao usar o fogão à lenha, sempre sentiam os olhos lacrimejarem, rinite, problemas respiratórios das próprias mulheres, crianças e demais entes da família. Com o fogão agroecológico, 76% relatam que estes problemas diminuíram, quando não, excluídos estes sintomas. Na dimensão econômica, os dados mostram que o fogão agroecológico vem contribuir para ampliar a renda das mulheres, através do beneficiamento dos produtos in natura provenientes dos quintais agroecológicos das mulheres, considerando a economia de gás e diminuto uso de lenha para o cozimento no preparo de doces, bolos, galinha, queijo etc. A pesquisa aponta que 100% das mulheres utilizam prioritariamente o fogão para o cozimento do alimento da família. No entanto, apenas 17% das entrevistadas relatam usar o fogão agroecológico, com a finalidade de gerar renda, monetária, apontado como desafio e possibilidades futuras.

No acompanhamento da assessoria técnica em vários municípios do Sertão do Pajeú, observamos o desejo de muitas mulheres de adquirirem o Fogão Agroecológico. Com a parceria com ISPN, através do Fundo Ecos, algumas associações puderam realizar o sonho de construir fogões em suas comunidades.

FORAM 60 FOGÕES AGROECOLÓGICOS CONSTRUÍDOS ATRAVÉS DOS PROJETOS APOIADOS PELO FUNDO ECOS E INSTITUTO SOCIEDADE, POPULAÇÃO E NATUREZA- ISPN.



A METODOLOGIA

O processo de construção dos fogões agroecológicos é feito através de uma metodologia multiplicadora, na qual as agricultoras participam das oficinas práticas de capacitação nas comunidades e multiplicam o conhecimento adquirido na construção dos fogões. Outro elemento importante, é o trabalho coletivo, em regime de mutirão. A mulher que recebe o fogão em sua casa participa ativamente do processo, juntamente com familiares e outras mulheres da comunidade.

Um aspecto muito importante dessa metodologia, é a problematização da divisão sexual do trabalho. Parte da ideia que existe uma lógica de separação entre trabalho produtivo realizado pelos homens e reprodutivo, realizado pelas mulheres, e uma lógica de hierarquia. O trabalho realizado pelos homens vale mais que o realizado pelas mulheres. O fogão por se tratar de um instrumento de trabalho doméstico de produção de alimento, está articulado culturalmente ao trabalho das mulheres. Em nossa metodologia feminista, é preciso ser desconstruído essa ideia. As tecnologias sociais devem facilitar e reduzir o trabalho das mulheres e para isso é necessário mudar as práticas e mentalidades nas relações familiares para divisão do trabalho doméstico. O trabalho doméstico e de cuidado é responsabilidade de todas as



pessoas, e o Estado deve apoiar e oferecer políticas públicas para facilitar esses trabalhos, como por exemplo, as creches em comunidades rurais.

A campanha Pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico (instagram: @divisaojustadotrabalho), construída pela Rede Feminismo e Agroecologia do Nordeste, é uma ferramenta político pedagógica usada em nossa metodologia no processo de construção dos fogões agroecológicos pela CMN.

SEM DIVISÃO JUSTA DO TRABALHO DOMÉSTICO NÃO HÁ CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO





PASSO A PASSO PARA A CONSTRUÇÃO DO FOGÃO AGROECOLÓGICO

Cada fogão agroecológico possui as seguintes dimensões: 1,60 m de comprimento x 55 cm de largura x 80 cm de altura, em tijolo comum aparente, com uma chapa de ferro mineira de duas bocas, além de um forno de ferro fundido de 40 cm x 40 cm x 40 cm, revestido de tijolo comum aparente e com uma chaminé de ferro galvanizado de 3 pol com 2 m de altura.





1º PASSO: ORGANIZAÇÃO DOS MATERIAIS

→ Para a construção do fogão agroecológico é importante que todos os materiais estejam próximo ao local da construção.





2º PASSO: JUNTAMENTE COM A MULHER, ESOLHA DO LOCAL

- O fogão deve ser construído dentro da cozinha, em um local abrigado da luz do Sol.
- Deve ser aproveitada uma parede em formato de L.
- Devem-se vedar as bordas do forno com a cola durepox, exceto na porta do forno, antes de iniciar a construção do fogão agroecológico.







3º PASSO: CONSTRUÇÃO DA CAIXA DO FOGÃO

- O fogão agroecológico possui as seguintes dimensões: 1,60 cm de comprimento x 60 cm de largura x 80 cm de altura.
- Nivela o espaço para iniciar a construção. Precisa-se de 1,60 cm de comprimento x 55 cm de largura.
- Prepare a massa para assentar os tijolos. Junte sete latas de 20 l de saibro para 1/2 saco (25 kg) de cimento, coloque água suficiente até encontrar o ponto da massa e faça um traçado.
- Assente os tijolos fazendo um L.
- Levante a caixa do fogão com a parede com altura de 80 cm de altura.
- Uma recomendação importante: assente os tijolos com cuidado para não sujar muito. O acabamento ficará mais bonito.







4^o PASSO: ENCHIMENTO DA CAIXA DO FOGÃO

- Agora, preencha com as 20 latas de areia. A areia é o material mais recomendado para o preenchimento, pois ela retém mais o calor.
- Encha de areia até deixar 20 cm de altura. Essa etapa deve ser realizada com cuidado. Como as paredes são feitas no mesmo dia e ainda não haverão secado, coloque a areia com baldes sem que eles toquem nas paredes, para não quebrá-las.





5º PASSO: CONSTRUÇÃO DA BASE DE SUSTENTAÇÃO DO FOGÃO AGROEOLÓGICO

- Monte a base do fogão com três fiadas de tijolos sobre a areia (não é necessário utilizar massa). Com a ajuda de um martelo, bata nos tijolos devagar para melhor encaixe.
- Na arrumação, é importante que os tijolos fiquem bem ajustados e não sobre espaços na areia.

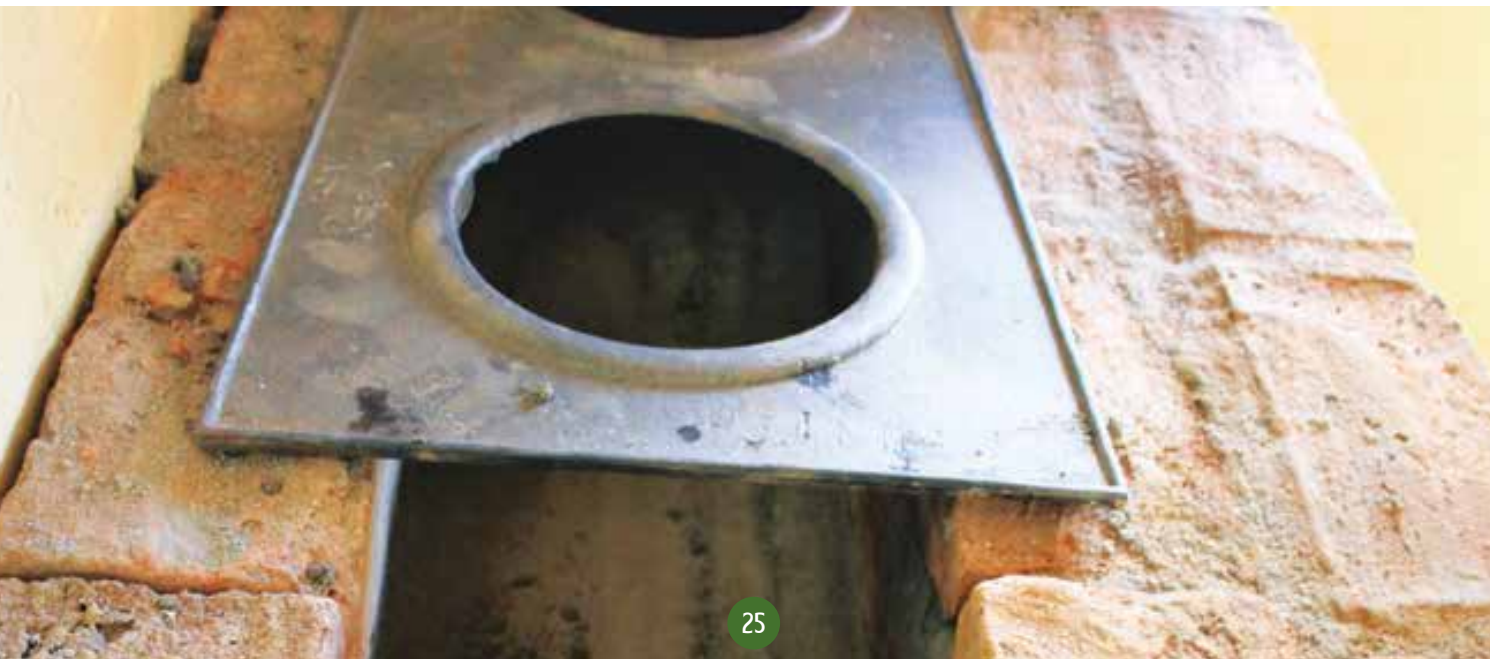






6^o PASSO: CONSTRUÇÃO DA BASE DE SUSTENTAÇÃO DA CÂMARA DE COMBUSTÃO

- O fogão tem uma parede divisória que vai separar a câmara de combustão do forno inicialmente construída com duas fiadas de tijolos.
- Monte as paredes da câmara de combustão com os tijolos formando duas fiadas, uma de cada lado, deixando uma saída para a fumaça.
- Na parede que divide a câmara de combustão do forno, deve ser construída uma rampa com dois tijolos. Cave um pouco e encaixe os tijolos na areia. Passe uma camada fina da massa utilizada para subir as paredes apenas para fazer um leve rejunte na câmara de combustão e nas rampas
- A boca do fogão é onde se colocam as lenhas e ficará então com 16 cm de largura e 10 cm de altura.
- Construa a boca do fogão fazendo uma rampa com dois tijolos. Cave um pouco e encaixe os tijolos na areia.
- Os materiais, aliados ao desenho mais estreito da cavidade para a lenha, funcionam como isolantes térmicos naturais, ajudando a reter o calor por mais tempo.





7^o PASSO: CONSTRUÇÃO DAS PAREDES PARA ENCAIXAR O FORNO

- Inicialmente, preencha com areia o espaço onde será colocado o forno até a altura da rampa (é importante não pilar a areia). Faça da mesma forma próximo à boca do fogão.
- Em seguida, preencha esse espaço com os tijolos deitados e encaixados na areia.
- Para assentá-los, comece pelo lado do balcão do fogão. Coloque os tijolos um ao lado do outro respeitando seu comprimento.
- Agora é subir a parede para assentar o forno. São necessárias duas paredes paralelas com 60 cm de distância pela parte de fora e 53 cm de altura.
- Encaixe o forno deixando um espaço de 5 cm de todos os lados, para a circulação da fumaça quente no entorno do forno, que o fará esquentar.
- Feche a caixa nas laterais com pequenos pedaços de tijolos e faça o acabamento com a mesma massa usada para subir as paredes.
- Para o fechamento do forno, na parte de cima é importante colocar uma grade (de geladeira ou fogão a gás já usada) ou folha de zinco prevendo um espaço para assentar a manilha da chaminé.



- Para o acabamento da parte de cima da caixa do forno, coloque tijolos deitados em cima da grade, em seguida utilize a massa aplicada para subir as paredes e faça uma camada fina formando uma base reta.





8^o PASSO: @LOCAÇÃO DA CHAMINÉ

- Coloque a chaminé de ferro galvanizado de 3 pol com 2 m de altura no recanto da parede próximo ao forno.
- Depois, com a ajuda do fio de arame liso, amarre a chaminé no caibro do telhado.







9^o PASSO: FIXAÇÃO DA CHAPA DE FERRO

- > Agora é hora de assentar a chapa de ferro mineira de duas bocas que vai ficar em cima da câmara de combustão respeitando o espaçamento de 16 cm de largura e 10 cm de altura para colocação da lenha.
- > Inicie colocando uma camada de massa nas duas laterais da câmara de combustão.
- > Assente a chapa de ferro colocando um pouco de massa na ponta que fica na saída para fumaça.

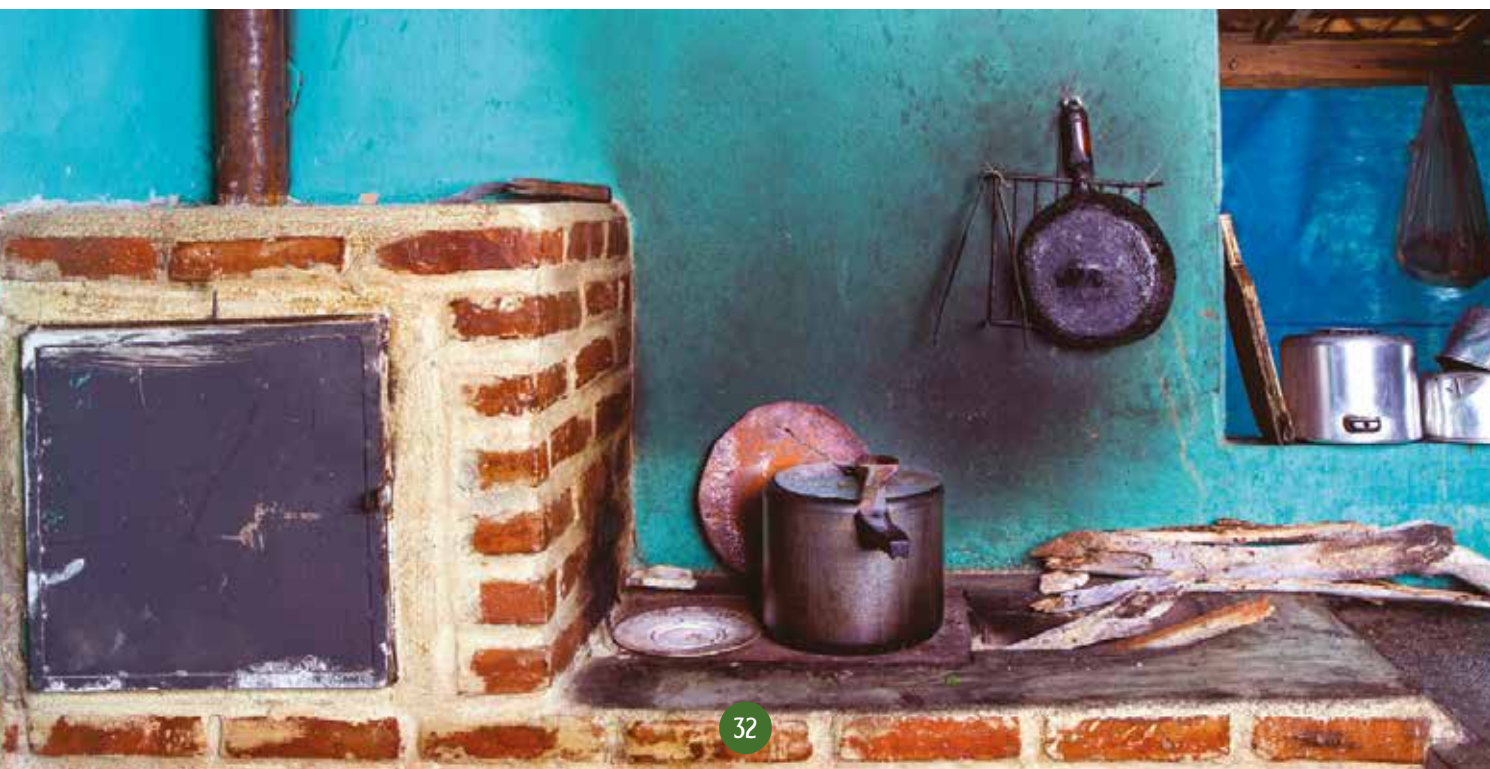




10^o PASSO: ACABAMENTO DO FOGÃO AGROEOLÓGICO

- Passe uma camada de massa de cimento e areia na base do fogão e espalhe com a ajuda da colher. Passe a desempenadeira para ajudar no acabamento.
- Em seguida, utilize a régua de pedreiro para tirar o excesso de massa.
- Com a ajuda do nível, verifique se a mesa do fogão está por igual e nivelada.
- Para deixar a mesa do fogão mais fácil de limpar, junte 1/2 kg de cimento com 11 de água, Mexa fazendo uma calda de cimento e passe sobre a mesa do fogão, sempre deixando em nível.
- Agora é hora de limpar as paredes do fogão passando uma esponja úmida para retirar o excesso do cimento.
- Após 3 dias, lixe o fogão e retire o excesso de poeira com a ajuda do pincel ou da esponja. Em seguida, passe uma demão de verniz para deixar o fogão mais bonito, além de torná-lo mais fácil de limpar e com melhor conservação.







MATERIAIS NECESSÁRIOS

- ☐ 2 sacos de Cimento Portland Comum CP II-Z-32 RS 50 Kg
- ☐ 300 unidades de Tijolo Comum
- ☐ 1 Chapa de zinco 60x60 p/ colocar acima do forno
- ☐ 1 Verniz Incolor (3/4)
- ☐ 1 Pincel nº 03
- ☐ 1 Thinner 3/4
- ☐ 1 Lixa de ferro 100
- ☐ 1 Durepox 200g
- ☐ 0,25m³ de Barro saibo (cada fogão recebe 12 latas de barro)
- ☐ 1 Forno de ferro de 3mm - 40 x 40 cm
- ☐ 3,6m de Barra de Ferro 6,3mm (verg. GG 50 1/4") Obs.: Cada fogão recebe 6 unidades de ferro de 60cm cada) 6x,60 = 3,60 por fogão
- ☐ 4 Manilhas de barros (cada fogão recebe 04 unidades para chaminé)
- ☐ 0,5m³ de Areia grossa
- ☐ 1 Chapa de ferro 1/2 " - 35 x 70 cm com 02 bocas e duas tampas(distância entre elas 15 cm)





REFERÊNCIAS

Amorim, J. B. B., Araújo, A. C. L. de, Mélo Brandão, A., Costa, M. A., & Moraes, L. L. de. (2015). Mulheres e agroecologia: fogão agroecológico uma tecnologia de convivência com o Semiárido. IX Congresso Brasileiro de Agroecologia, 10(3), 1–5.

Angelotti, F., & Hamada, E. (2022). Estratégias de adaptação para o manejo de doenças de plantas em regiões semiáridas sob os impactos das mudanças climáticas. In V. Giongo & F. Angelotti (Eds.), Agricultura de baixa emissão de carbono em regiões semiáridas: experiência brasileira (pp. 201–210). Embrapa.

CNM. (2013). Projeto Mulheres na Caatinga (pp. 1–48). Casa da Mulher do Nordeste. https://issuu.com/cmnnordeste/docs/cartilha_mulheres_na_caatinga_arte

EPE. (2023). Balanço energético nacional 2023: ano base 2022. <https://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-748/topico-687/BEN2023.pdf>

Giongo, V., & Angelotti, F. (2022). Agricultura de baixa emissão de carbono em regiões semiáridas: Experiência brasileira (V. Giongo & F. Angelotti, Eds.). Embrapa.

KERGOAT, Danielle. Dicionário Crítico do Feminismo. Helena Hirata, Françoise Labore, Le Doaré, Danièle Senotier(orgs). São Paulo: editora UNESP, 2009, p.67.

Organização Mundial de Saúde. (2022). Household air pollution. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/household-air-pollution-and-health>

PACHECO, Maria E. L. Em defesa da agricultura familiar sustentável com igualdade de gênero. In: GT Gênero-Plataforma de Contrapartes Novib/SOS CORPO. Perspectivas de gênero: debates e questões para as ONGs. Recife: Gênero e Cidadania. p. 138-161, 2002.

Pizarro-Loaiza, C. A., Antón, A., Torrellas, M., Torres-Lozada, P., & Palatsi, J. (2021). Environmental, social and health benefits of alternative renewable energy sources. Case study for household biogas digesters in rural areas. Journal of Cleaner Production, 297(126722), 1–10. <https://doi.org/https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2021.126722>

SANTOS, Graciete Gonçalves; RUFINO, Sara. Mulheres e Agroecologia. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – Vol. 13, N° 1, Jul. 2018.

EXPEDIENTE

Produção dos Textos e Organização:
Graciete Santos e Manú Castro

Consultoria Técnica:
Claudineide Oliveira e Suely Carvalho

Projeto Gráfico:
Raquel Barbosa, Agência MAVI

Fotos:
Acervo da Casa da Mulher do Nordeste
e de Bruna Verlene de Lima Gomes

Tiragem:
500 exemplares

Impressão:
MXM Gráfica

2025

Apoio:



global
environment
facility
UNEP/World Bank/IDA

SGP The GEF
Small Grants
Programme



Fundo
Ecos

